

# Carlos Drummond de Andrade – Nudez

Não cantarei amores que não tenho,  
e, quando tive, nunca celebrei.  
Não cantarei o riso que não rira  
e que, se risse, ofertaria a pobres.  
Minha matéria é o nada.  
Jamais usei cantar algo de vida:  
se o canto sai da boca ensimesmada,  
é porque a brisa o trouxe, e o leva a brisa,  
nem sabe a planta o vento que a visita.

Ou sabe? Algo de nós acaso se transmite,  
mas tão disperso, e vago, tão estranho,  
que, se regressa a mim que o apascentava,  
o ouro suposto é nele cobre e estanho,  
estanho e cobre,  
e o que não é maleável deixa de ser nobre,  
nem era amor aquilo que se amava.

Nem era dor aquilo que doía;  
ou dói, agora, quando já se foi?  
Que dor se sabe dor, e não se extingue?  
(Não cantarei o mar: que ele se vingue  
de meu silêncio, nesta concha.)  
Que sentimento vive, e já prospera  
cavando em nós a terra necessária  
para se sepultar à moda austera  
de quem vive sua morte?  
Não cantarei o morto: é o próprio canto.  
E já não sei do espanto,  
da úmida assombração que vem do norte  
e vai do sul, e, quatro, aos quatro ventos,  
ajusta em mim seu terno de lamentos.  
Não canto, pois não sei, e toda sílaba

acaso reunida  
a sua irmã, em serpes irritadas vejo as duas.

Amador de serpentes, minha vida  
passarei, sobre a relva debruçado,  
a ver a linha curva que se estende,  
ou se contrai e atrai, além da pobre  
área de luz de nossa geometria.  
Estanho, estanho e cobre,  
tais meus pecados, quanto mais fugi  
do que enfim capturei, não mais visando  
aos alvos imortais.

Ó descobrimento retardado  
pela força de ver.  
Ó encontro de mim, no meu silêncio,  
configurado, repleto, numa casta  
expressão de temor que se despede.  
O golfo mais dourado me circunda  
com apenas cerrar-se uma janela.  
E já não brinco a luz. E dou notícia  
estrita do que dorme,  
sob placa de estanho, sonho informe,  
um lembrar de raízes, ainda menos  
um calar de serenos  
desidratados, sublimes ossuários  
sem ossos;  
a morte sem os mortos; a perfeita  
anulação do tempo em tempos vários,  
essa nudez, enfim, além dos corpos,  
a modelar campinas no vazio  
da alma, que é apenas alma, e se dissolve.

**Carlos Drummond de Andrade, A vida passada a limpo**